

I

Cavaleiro de coração encoberto que cavalga em silêncio,
O Infortúnio trespassou com a lança o meu velho coração.

O sangue do meu velho coração rendeu um simples jacto
vermelho,
Depois, à torreira do sol, evaporou-se sobre as flores.

As trevas apagaram-me os olhos, um grito subiu-me à boca,
E o meu velho coração morreu, num frémito bravio.

Só então o cavaleiro Infortúnio se abeirou de mim,
Pôs pé em terra, e tocou-me com a mão.

O seu dedo, enluvado de ferro, entrou na minha ferida,
Enquanto, com dura voz, dava testemunho da sua lei.

E eis que, no contacto glacial com o dedo de ferro
Me renascia um coração — um coração genuinamente puro e
altivo.

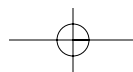
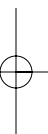
E eis que, ardente de uma candura divina,
Pulsou no meu peito, genuinamente jovem e bom, um coração.

Porém, eu continuava a tremer, ébrio, um tanto incrédulo,
Como um homem que vê a visão de Deus.

Mas o bom cavaleiro, voltando a subir para a sua montada,
E, sempre a afastar-se, enviou-me com a cabeça um sinal,



E gritou-me (ouço *ainda* essa voz):
«No mínimo, prudência! Será uma vez, sem exemplo.»



II

Tinha sofrido como Sísifo
E, como Hércules, tido trabalhos
Com a carne que recalitra.

Tinha lutado, tinha desferido
Golpes de arrasar montanhas
E, como Aquiles, cruzado ferros.

Audaz amigo que me acompanhas,
Tu, tu sabe-lo bem — bravura pagã —,
Se nós não nos metemos em campanhas,

Se nada deixámos ao acaso
Nesta luta que nos deixou extenuados,
Oh, o que não trabalhámos bem!

Tudo foi vão: o ávido gigante
A este meu esforço, por todos os lados
Opunha a sua manha ambiente,

E sempre um cobarde, embuçado
Nos meus conselhos — que cercava —,
Entregava as chaves da cidade.

Fosse a minha sorte má ou boa,
Sempre uma facção do meu coração
Abria as portas à Gorgona.

Sempre o inimigo pronto ao suborno
Sabia enroupar numa cilada
Até mesmo a vitória e a honra!

Eu era o vencido que se cerca,
Decidido a vender caro o sangue,
Quando — alva —, em traje de neve,

Bela por inteiro, de frente humilde e altiva,
Uma Dama apareceu sobre a nuvem,
E pôs em debanda a Carne — com um único sinal.

Numa tempestade não conhecida
De furor e de gritos inumanos,
E dilacerando o colo descoberto,

O Monstro retomou os caminhos
Dos bosques, transbordantes de amores medonhos,
E a Dama, juntando as mãos:

— Meu pobre lutador, que cavas —
Disse ela — inutilmente essa contradição,
Dá trégua às vitórias infelizes!

Chega-te um auxílio divino
De que eu sou a firme mensageira,
Enfim, é possível a tua salvação.

— Ó minha Dama, cuja querida voz
Dá ânimo a um ser ferido, cioso
De ver terminar as atrocidades da guerra,

Vós, que falais num tom de tal suavidade
Ao anunciar-me inefáveis coisas,
Minha Dama, então, quem sois vós?

— Eu nasci antes de todas as coisas,
E hei-de ver o fim de todos
Os efeitos — estrelas e rosas.

Ao mesmo tempo, compaciente, sobre vós,
Homens fracos e pobres mulheres,
Eu choro, e acho-vos uns loucos.

Choro sobre as vossas tristes almas,
É meu o amor delas, é meu o medo
Delas, e dos seus desejos perversos!

Oh!, aí em baixo, não é a felicidade.
Estai atentos. Alguém que eu amo o disse,
Estai atentos — no temor do Subornador.

Estai atentos — no temor do Dia Supremo.
Quem sou eu?, perguntaste-me.
O meu nome faz curvar até os Anjos,

Eu sou o coração da virtude,
Eu sou a alma da sageza,
O meu nome queima o inferno obstinado,

Eu sou a doçura que levanta do chão,
A todos amo, e não acuso ninguém,
O meu nome — ele só —, se chama promessa,